



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

ROMILDO SANTOS NASCIMENTO

UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS
SOBRE A PRÁTICA DO BULLYING: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF
MARIANA NÓBREGA DE SOUSA EM SÃO JOSÉ DE ESPINHARAS-PB

PATOS/PB
2017

ROMILDO SANTOS NASCIMENTO

**UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS
SOBRE A PRÁTICA DO BULLYING: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF
MARIANA NÓBREGA DE SOUSA EM SÃO JOSÉ DE ESPINHARAS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba como
requisito para obtenção do título de licenciatura
Plena em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Ms. Mary Delane
Gomes de Santana

**PATOS/PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244a Nascimento, Romildo Santos.

Uma análise da opinião de professores e funcionários sobre a prática do bullying [manuscrito] : um estudo de caso na EMEIF Mariana Nóbrega de Sousa em São José de Espinharas - PB / Romildo Santos Nascimento. - 2017.

18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Patos, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Mary Delane Gomes de Santana, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Bullying. 2. Sistema Educacional. 3. Medida socioeducativa. 4. Medida punitiva.

21. ed. CDD 371.58

ROMILDO SANTOS NASCIMENTO

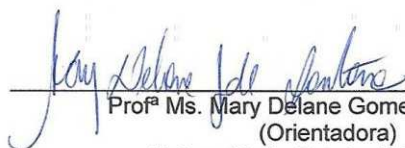
**UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS SOBRE A
PRÁTICA DO BULLYING: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF MARIANA
NÓBREGA DE SOUSA EM SÃO JOSÉ DE ESPINHARAS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como requisito a
obtenção do título de licenciatura Plena em
Pedagogia.

Data da avaliação: 25/11/17.

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA



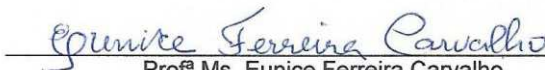
Profª Ms. Mary Delane Gomes de Santana
(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba



Profº Ms. Jorge Miguel Lima Oliveira
(1º Avaliador)

Universidade Estadual da Paraíba



Profª Ms. Eunice Ferreira Carvalho
(2º Avaliadora)

Universidade Estadual da Paraíba

UMA ANÁLISE DA OPINIÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS SOBRE A PRÁTICA DO BULLYING: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF MARIANA NÓBREGA DE SOUSA EM SÃO JOSÉ DE ESPINHARAS-PB

Romildo Santos Nascimento¹
Mary Delane Gomes de Santana²

RESUMO

A recente tragédia escolar que ocorreu no país agora em outubro de 2017, o caso do adolescente de Goiana - GO, que por sofrer com o bullying pegou a arma dos pais e matou dois colegas de classe e feriu gravemente mais cinco, inclusive deixando uma colega paraplégica, novamente chamou a atenção do país para este problema, que cada vez mais encontra-se presente nas escolas brasileiras, sejam elas públicas e ou privadas. O presente trabalho intitulado uma análise da opinião de professores e funcionários sobre a prática do bullying, têm como objetivo analisar o nível de conhecimento dos professores e funcionários sobre como identificar os casos e sobre as medidas sócio educativas que se tornaram lei e devem servir de base para resolver os problemas, tanto da vítima como do agressor. Para a realização desse trabalho foi realizado além da pesquisa bibliográfica, um trabalho de campo, para aplicar os questionários aos professores e funcionários da instituição pesquisada. Os resultados dos dados coletados mostraram que tanto os professores e os funcionários têm consciência dos danos causados pela prática do bullying, a maioria deles sabe que ele precisa ser combatido com medidas sócio educativas, não conhecem a nova lei, mas ao serem expostos a ela, concordam com as medidas propostas e acreditam na sua eficácia. Professores e funcionários pesquisados acreditam que as medidas socioeducativas podem resolver as questões, mas reconhecem que não é uma tarefa fácil de ser executada, esperam que sempre a solução venha dos gestores da escola, colocam também a culpa na família e alguns funcionários colocaram a culpa nos professores. Ainda bem que a não é muito frequente a prática de bullying na escola, são crianças da educação infantil e do ensino fundamental – nas séries iniciais, mas elas existem e, precisam ser sanadas para se evitar que elas se proliferem.

¹Aluno da Universidade Estadual da Paraíba, do Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas - CAMPUS VII – Governador Antônio Mariz, do Curso de Pedagogia – PARFOR.

²Profa. da Universidade Estadual da Paraíba, do Centro De Ciências Exatas e Sociais Aplicadas - CAMPUS VII – Governador Antônio Mariz, do Curso de Pedagogia – PARFOR. Mestre em Sociologia.

Palavras-chave: Medidas socioeducativas. Medidas punitivas. Bullying. Sistema Educacional.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos um tipo de violência escolar chama a atenção de pais, professores, estudiosos e sociedade em geral: o bullying, termo que compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de bullying possíveis, relacionam-se a seguir algumas ações que podem caracterizá-lo:

Colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences (palavra do inglês que pode ser traduzida como 'intimidar ou amedrontar'). (SILVA, 2010, p. 22).

O bullying escolar é um tipo de violência peculiar, pode ocorrer de várias formas e em diversos ambientes dela, porém continua atingindo os que dela fazem parte, mas precisamente os alunos.

A escola que afirma não ter bullying não sabe o que é ou está negando sua existência. No Brasil para tentar solucionar este problema, foi criada A Lei nº 13.185 no dia 6 de novembro de 2015 que passou a considerar como intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

A nova Lei considera também que há "intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos

que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial”³.

Frente a esta situação o trabalho ora aqui apresentado tem como problemática a seguinte questão: Professores e funcionários estão preparados para identificar e aplicar medidas educacionais que evitam a prática de bullying na escola?

Como objetivo geral: Identificar se os professores e os funcionários são capazes de identificar e aplicar medidas educacionais que evitam a prática de bullying dentro da escola.

E como objetivos específicos:

- Observar se a escola a partir da opinião dos professores e dos funcionários tem capacitado estes para lidar com o praticante e a vítima do bullying;
- Analisar se há práticas de bullying recorrentes no interior da escola;
- Verificar a opinião de funcionários e professores qual é a melhor alternativa para o praticante de bullying, a punição (suspensão ou expulsão) ou o atendimento socioeducacional.

2 METODOLOGIA

A metodologia a ser empregada em um estudo de determinado fenômeno são relevantes para uma análise mais aprofundada e significativa do objeto a ser analisado, por isso se faz necessária a compreensão sobre cada tipo de pesquisa utilizada como fonte para a obtenção da análise dos dados levantados.

Para Silva e Menezes (2005, p. 9) “A Metodologia tem como função mostrar a você como andar no ‘caminho das pedras’ da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo”.

³PRESIDENTA Dilma sanciona lei de combate ao bullying. **Cidadania e Justiça**. Publicado em: 09 nov. 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/11/presidenta-dilma-sanciona-lei-de-combate-ao-bullying>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Para a realização deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica para fundamentação do tema proposto, pesquisa de campo com questionários, coleta de dados como a opinião dos professores e funcionários sobre a prática do bullying.

Vale salientar que é de grande relevância para a pesquisa os instrumentos de coleta de dados, como forma de melhor direcionamento das informações, entre os quais pode-se destacar neste enfoque a utilização do questionário estruturado.

Segundo Moresi (2003, p. 29):

Questionário: é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento. As perguntas do questionário podem ser: - abertas: 'Qual é a sua opinião?'; - fechadas: duas escolhas: sim ou não; - de múltiplas escolhas: fechadas com uma série de respostas possíveis.

A utilização de questionários depende dos objetivos da pesquisa para a sua estruturação, que deve priorizar a clareza das ideias como forma de favorecer a compreensão do participante e ao mesmo tempo a eficácia da coleta de dados, relevante para a análise dos resultados.

O trabalho ora aqui desenvolvido parte de uma abordagem quantitativa e também qualitativa, através de uma pesquisa bibliográfica aliada a uma pesquisa de campo, utilizando-se de um instrumento de pesquisa como questionários para direcionar ao entendimento da realidade acerca do objeto de estudo.

2.2 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

A instituição sugerida e escolhida como escola Campo de Estágio foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Mariana Nóbrega de Sousa, localizada na Fazenda Flores, município de São José de Espinharas-PB. É uma escola do campo que foi construída em 11/07/1978 pelo projeto Pólo Nordeste, com duas salas de aula com capacidade para 30 alunos por turno, dois banheiros, sendo um masculino e um feminino, além de uma cantina para

refeitório. A escola funcionou neste prédio até dezembro de 1997 do antigo Pré a 4ª série. Devido à grande demanda de alunos, a escola foi reformada para ampliação de mais 2 salas de aula, 1 secretaria e mais 2 banheiros para os funcionários e recebeu e implantação do ensino Fundamental de 5ª a 8ª série que começou efetivamente a funcionar em março de 1998.

Foram aplicados 16 questionários entre professores e funcionários da instituição, o questionário foi composto de perguntas fechadas, que foram analisadas também de forma qualitativa e não apenas quantitativa.

3 O QUE É BULLYING?

Tradicionalmente, a palavra “Tobully”, em inglês, significa tratar com desumanidade, com grosseria; bully é um adjetivo que se refere a uma pessoa grosseira, tirana, que ataca os mais fracos.

Inicialmente o termo bullying era utilizado apenas para descrever as humilhações, agressões e ameaças feitas entre crianças. Porém, depois o termo se estendeu às agressões observadas no exército, nas atividades esportivas, na vida familiar, com idosos, no trabalho e até mesmo na internet.

O bullying é um fenômeno que está diretamente relacionado à afirmação de poder, em que a ferramenta utilizada para alcançá-lo é a agressão, seja ela física (socos, chutes e outros) ou moral (apelidos ofensivos, exclusão e outros).

Segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), o termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Mesmo sendo um fenômeno antigo, mantém ainda hoje um caráter oculto, pelo fato de as vítimas não terem coragem suficiente para uma possível denúncia. Isso contribui com o desconhecimento e a indiferença sobre o assunto por parte dos profissionais ligados à educação. Pode ser manifestado em qualquer lugar onde existam relações interpessoais.

3.1 BULLYING: BRINCADEIRA OU VIOLÊNCIA?

Estudos indicam que as simples “brincadeiras de mau-gosto” de antigamente, hoje denominadas bullying, podem revelar-se em uma ação muito séria. Professores, funcionários, familiares e demais profissionais que lidam com crianças diariamente precisam estar atentos às provocações destes em casa e na escola, pois as agressões em sua maioria começam com pequenas brincadeiras e por outros fatores se transformam em violência que pode ser ou não bullying.

Muitas vezes, a violência verbal apresenta-se mascarada na forma de brincadeira, quando se apelida o gordinho de “bola sete”, o rico é o “filhinho do papai”, quem usa óculos é “quatro olhos”, o inteligente é o CDF. Quantos de nós não sofremos em nossa infância e adolescência com brincadeiras e gozações, apelidos que causaram constrangimentos, rotulações, socos, beliscões, chantagem, discriminação, estatura física, peso, cor dos olhos e cabelos. Ou ainda brincadeiras desdenhosas devido a diferença de ordem psicológica, social, sexual e física. Ou está relacionado a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais, além de extorsão e até exploração de fazer tarefas.

Muitas brincadeiras dos meninos envolvem a imposição da supremacia da força e da hombridade, imposta pela cultura masculina/machista, mas não caracterizam o fenômeno bullying por não haver a intenção deliberada de fazer sofrer; não é uma agressão física ou psicológica já que ambos estão se divertindo.

Como o bullying não é um fenômeno novo, porque a violência que o caracteriza sempre existiu, fica difícil intervir de modo mais efetivo se as brincadeiras mais violentas são de fato atos de bullying ou um tipo de brincadeira mais exaltada. Daí, precisamos compreender dois tipos de brincadeira: a brincadeira sadia, em que todos se divertem e não têm o intuito de menosprezar, ferir ou inferiorizar ninguém, querem apenas divertir-se. E o segundo tipo de brincadeira, aquela violenta em que a intenção ainda é brincar, porém de uma forma que pode machucar tanto fisicamente quanto moralmente. Essa sim tem causado sérios problemas em crianças e adolescentes, principalmente nas escolas, pois tem sido o tipo de agressão mais frequente

em salas de aula, inclusive levando discentes a se afastarem das salas de aula para fazerem tratamento especializado.

O bullying é um tipo de violência e não deve ser visto como brincadeira. Assim, na brincadeira todos se divertem e desejam participar. Se um falar mal, o outro chora e o resto cai na risada não é brincadeira. Nas vivências de bullying há sempre alguém que está sofrendo e que está envolvido em função da coação, necessita-se ter o máximo cuidado ao identificar o bullying para não confundi-lo com brincadeiras comuns entre jovens, pois é na generalização e banalização que este fenômeno se refugia e faz suas vítimas.

3.2 ESCOLA X BULLYING: UMA BATALHA VENCIDA?

Nem sempre é fácil detectar se os casos de bullying nas escolas começam, de fato, em casa ou nos ambientes escolares. O que se sabe é que todos desejam que as escolas sejam ambientes saudáveis e seguros, onde adolescentes e crianças possam desenvolver os seus potenciais intelectuais, culturais e sociais. Entretanto, a violência vem invadindo as instituições escolares com atitudes ofensivas, comentários maldosos, agressões físicas ou psicológicas sob o nome de bullying, transformando a vida escolar de muitos discentes em um verdadeiro transtorno para o processo de aprendizagem.

Quando se pensava que estávamos livres dos castigos físicos, como o uso da palmatória ou do caroço de milho, veio algo muito pior que foi o tormento psicológico que acrescentou diversos tipos de conflitos internos e tensões entre estudantes, professores, funcionários e gestores dentro das escolas, provocando sofrimento e dor para familiares e profissionais que no dia a dia convivem e interagem com quem pratica o bullying em nossas escolas.

Fante (2005, p. 47), baseado nas explicações do professor Dan Olweus, acrescenta que é normal em uma sala de aula, existir entre alunos, diversos tipos de conflitos e tensões. Existem também várias outras interações agressivas, que ocorrem quando o aluno quer se divertir ou como forma de autoafirmação, mostrando ser mais forte que os outros colegas. O comportamento violento agressivo que um aluno apresenta na escola, provocando sofrimento a muitos outros – de forma violenta ou não, tem sua

origem dentre outros fatores, no modelo educativo familiar de acordo com o qual foi criado. (FANTE 2005, p. 173)

Questionamentos são feitos aos professores, gestores e psicólogos se o bullying vai ser extinto das escolas ou as escolas vão continuar tendo que tolerar atitudes de violência ou agressões em suas dependências. Os últimos acontecimentos no Brasil principalmente o último agora em outubro de 2017⁴, mostrou que não, cada vez mais o bullying está se tornando uma atitude difícil de ser combatida, pois o aluno traz esse comportamento internalizado em sua personalidade, e o pior são as reações de quem sofre com a prática que nem sempre tem sido pacíficas, ou quem sofre acaba agredindo inclusive de forma violenta, ou acaba cometendo suicídio, a mídia nacional tem divulgado constantemente casos de violência associado ao bullying no país.

3.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA SENSIBILIZAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE OS PROBLEMAS CAUSADOS PELA PRÁTICA DO BULLYING

Toda a comunidade escolar tem que se envolver efetivamente para que se obtenha sucesso na luta contra a bullying, no entanto é inegável a importância de um de seus componentes: o professor, uma vez que é ele o profissional que tem um contato mais direto e prolongado com os alunos e conseqüentemente, tem mais chance de contribuir para a diminuição ou erradicação do fenômeno e verificar a ocorrência dele com mais frequência.

Cabe ao professor a responsabilidade de manter um ambiente harmonioso na sala de aula, criar situações em que o aluno possa se sentir bem e proporcionar o bem aos demais colegas de sala, sensibilizando toda a turma, além de promover debates sobre o bullying nas salas de aula, fazendo com que o assunto seja bastante divulgado e assimilado pelos discentes.

Os professores deveriam ser preparados para educar a emoção dos seus alunos. Porém, muitos docentes têm dificuldades emocionais para lidar com os problemas de maus tratos ou de violência que ocorrem dentro da sala

⁴Aluno de 14 anos do Colégio Goyazes em Goiânia nesta sexta-feira (20/10), atirou em colegas, o atentado deixou dois adolescentes mortos e cinco gravemente feridos. **JORNAL OPÇÃO**. 20/10/2017 15h43. Por Redação. Edição 2205. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/nada-justifica-tragedia-mas-vitimas-de-bullying-sofrem-muito-diz-psicologa-107887/>. Acesso em: 21 nov. 2017.

de aula, e não tendo capacidade de lidar com esses problemas e de oferecer uma resposta eficaz para resolver a situação, acabam reagindo com agressividade.

O professor tem que deixar bem claro para os alunos que a sala de aula é um ambiente de respeito, mediado por atitudes que incentivem a amizade e a solidariedade entre os alunos, construindo este ambiente não apenas com palavras, mas com atitudes, disciplina e maturidade.

Professores que tratam seus alunos com críticas constantes, ironias ou falta de respeito, fatalmente estarão dando margem para que este comportamento seja reproduzido pelos alunos e estas práticas se tornem recorrentes em sua aula. É importante salientar que alguns professores são vítimas e agressores ao mesmo tempo. Praticam o bullying direto e indireto contra seus alunos, perseguindo, humilhando, ridicularizando, intimidando e acusando. Assim, esses docentes se “convertem” em agressores devido a sua postura de “autoritarismo e intimidação “na tentativa de obter poder e controle diante dos alunos.

3.4 O CONHECIMENTO DOS FUNCIONÁRIOS SOBRE O BULLYING E A IMPORTÂNCIA DELES NA ERRADICAÇÃO DESSE PROBLEMA DENTRO DA ESCOLA

Ainda há um grande número de profissionais da educação que não sabe distinguir entre condutas de bullying ou outros tipos de violência, por não ter um preparo para identificar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas no ambiente escolar. É comum ouvir-se relatos de alunos que sofreram agressões verbais e até físicas de funcionários despreparados que nem sequer sabiam que estavam praticando o bullying.

Por outro lado, são esses funcionários que evitam muitas vezes a propagação da violência nos corredores das escolas por nossos alunos, mediando, assim, a resolução de conflitos internos entre alunos e direção.

Se todos os funcionários forem treinados para a mediação de conflitos nas escolas, certamente teremos pouquíssimos casos de bullying, pois estaremos aumentando a segurança e diminuindo o uso de agressões.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A escola objeto de pesquisa é uma escola do campo, porém possui um quadro de professores formado, em sua maioria, por profissionais habilitados para a área que exercem a docência. Como demonstra os dados a seguir, entre os 16 pesquisados a maioria tem nível superior, bem como pós-graduação, 31% tem o curso superior e 19% pós-graduação.

Os gestores apesar de não fazerem parte da pesquisa de forma direta, ao nos atendermos percebemos que são comprometidos com a educação, embora não tenham especialização na área de gestão educacional, informação que procuramos coletar.

Com relação ao posicionamento dos funcionários sobre ao se deparar com a prática do bullying a maioria disse que se posicionou em defesa da vítima, 31%, porém, a maioria achou melhor conversar com o agressor, para tentar resolver a situação, apenas 19% resolveu falar com ambos, agressor e vítima e o número menor ainda foi entre aqueles que não fizeram nada, apenas 1 dos entrevistados.

Entre os 16 pesquisados, todos foram unânimes em afirmar que em todos os locais ocorre a prática do bullying, sendo que os locais que mais ocorrem são no pátio 44% e 25% na sala de aula, justamente nos locais onde os alunos encontram-se mais próximo, no pátio onde ocorre o recreio ou como alguns chamam, hora da merenda e ou pausa. No pátio a incidência é maior pois estão sendo pouco vigiados, pois por ser um ambiente mais aberto, a prática do bullying pode ser confundida como uma simples brincadeira. Com relação a saída da escola o índice foi bem menor, o que pode-se inferir do fato é que muitos vão de ônibus escolar para casa e os demais os pais vem buscar, estão sob controle.

Com relação à pergunta de número 5, que questionava se a prática do bullying só acontecia entre os alunos, a maioria respondeu que não, professores e funcionários também sofrem com bullying. O que consiste em um problema que deve ser melhor analisado pela gestão, pois de onde advém esse comportamento? Falta de respeito dos alunos aos professores e funcionários, situação quase que corriqueira atualmente nas escolas, mas preocupante pois fizemos uma pesquisa numa escola de campo e que trabalha

com a educação infantil e ensino fundamental nas séries iniciais, portanto tem em média uma faixa etária de 04, 05, 06 e no máximo 12 anos.

Com relação à pergunta sobre os motivos que ocasionam o bullying na escola, a maioria dos pesquisados colocou a culpa nos pais por serem permissíveis as brincadeiras dos filhos, 19% dos pesquisados acusaram os professores, consideraram a maioria não possuem preparação para lidar com os alunos que praticam o bullying e com a própria prática do bullying.

Com relação ao despreparo do professor isso ocorre pela falta de projetos interdisciplinares com foco no combate a diversos tipos de violência existentes na escola, a falta de capacitação em se trabalhar com essas questões é um problema. Tanto é que quando questionado sobre as oportunidades que tiverem para se capacitar sobre qualquer ação de combate ao bullying, eles disseram que nunca tiveram acesso. Alguns foram categóricos em dizer que é função da gestão da escola oferecer e exigir que os seus professores realizem ações desse tipo. Outros alegaram que executam individualmente ações contra a violência escolar e/ou social

Com relação à pergunta qual o conceito que eles tinham de bullying? Quase todos os professores entrevistados foram unânimes ao responder que o bullying sempre existiu, mas que agora está “na moda”. Percebeu-se um certo descompromisso de um docente ao tratar sobre o assunto quando o mesmo afirmou, que em muitos casos era frescura, mas no geral como demonstrado aqui, eles procuram intervir da melhor maneira possível.

É certo que o bullying sempre existiu, mas não é por isso que, enquanto educadores, além de cidadãos, deve-se fechar os olhos e achar que está tudo bem, que sempre vai existir um aluno mais vulnerável a ser atacado. Assim como temos muitos casos de alunos que sofreram bullying e souberam superar de forma que nada do que sofreu teve intervenção negativa direta na sua vida também temos casos simples que fizeram toda uma diferença no modo de viver de uma criança, adolescente ou até mesmo adulto.

Quando questionados sobre se há uma discussão sobre violência e temas relacionados em suas aulas? Grande parte dos docentes entrevistados alegou problemas com os dias letivos e com a carga horária exigida pelas legislações educacionais, o que dificulta externar outros assuntos, que não os programáticos, em sala de aula. E professores e funcionários acham que é

uma responsabilidade dos gestores criar alternativas para que essa discussão ocorra.

Sobre a questão de a quem compete a solução da violência na escola, a maioria afirmou que o principal agente na escola capaz de reduzir a violência é o gestor. Segundo os docentes, mais que do professor é tarefa principal do gestor intervir para reduzir a violência na escola.

Os resultados da pesquisa demonstraram que é preciso que a comunidade escolar se una na elaboração e aplicação de atividades antibullying, professores e funcionários devem ver as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, onde em cada uma delas, as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população e não achar que tudo se resolve a partir da gestão e ou de alguns membros da escola.

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a construção de projetos de redução do bullying, sendo o papel do professor em sala de aula o mais importante, uma vez que ele é uma das testemunhas das agressões. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes.

Não notamos isso na escola pesquisada, mas notamos um avanço a preocupação e a identificação dos casos de bullying, falta apenas ações que priorizem a conscientização geral. Os casos de bullying na escola ainda são pequenos, mas é preciso cuidar dos pequenos casos para não abrir espaços para os maiores.

5 CONCLUSÃO

Apesar de cada vez mais conhecido o bullying sua prática não pode ser banalizada, pois a cada dia tem se verificado que ela está acontecendo com muita frequência e suas consequências estão sendo desastrosas até para quem não é o agressor e nem a vítima, pois nos casos que a vítima toma alguma atitude mais drástica, nem sempre o único a ser penalizado é o seu agressor. Antigamente as piadas existiam, mas além de não serem levadas a sério pela escola, não eram tão violentas, até porque o bullying é o resultado de um ataque constante na forma de violência física e ou psicológica, então

antes quando acontecia o bullying ele não era identificado, pois os estudos sobre esse tipo de violência como demonstrado aqui só passaram a surgir nos fins da década de 70.

A questão que se levantou aqui, está intimamente ligada ao papel da escola e dos seus profissionais frente a essa situação. O que está sendo feito? O que deve ser feito como os profissionais da educação em termos de capacitação para lidar com esse problema? No Brasil ainda podemos considerar que são poucas as pesquisas sobre este tema, mas medidas estão sendo tomadas como por exemplo a Lei 13. 185/2015 que passou a valer em 2016, que propôs a aplicação de medidas socioeducativas, para o praticante e a vítima, e considerou ser dever de toda a sociedade o combate a prática do bullying.

De modo geral, a pesquisa revelou que os professores e funcionários pesquisados demonstraram preocupação com a questão do bullying, apresentaram repostas que deixaram transparecer a preocupação com a vítima e o agressor, se bem que mais com a vítima, e preocupados em coibir essa manifestação no contexto escolar, porém reconhecem que mesmo com alunos do ensino infantil e fundamental I, de uma escola na zona rural, uma escola do campo, não é uma tarefa fácil de executar, pois a escola não pode trabalhar sozinha, a integração com as famílias dos alunos também é importante.

Realmente não é uma tarefa fácil, a escola não pode tomar para si sozinha a resolução desse problema, mesmo nos dias de hoje, quando os alunos passam mais tempo nela, do que em casa, até porque o bullying não é só praticado no espaço escolar, hoje em dia tem um espaço muito maior para a prática que não foi aprofundado aqui no trabalho, mas que não pode ser descartado que é o cybespaço. Porém é dela que se é mais cobrada uma solução, porque o agressor surge nela e a vítima também.

Como aplicar e quais os resultados das medidas socioeducativas, ainda é uma questão delicada, que está sendo realizada aos poucos e os efeitos nem sempre são duradouros e ou eficazes, mas já é um começo para se tentar senão solucionar de vez, minimizar o problema.

6 REFERENCIAS

CANDAU, Vera Maria (org.). Reinventar a escola. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. Ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, B. W.; RIES, B. E. et al. Psicologia e Educação: desenvolvimento humano. Adolescência e vida adulta. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

KRÜGER, Helmuth Ricardo. Introdução à Psicologia Social. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. Bullying e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas na escola**: bullying. São Paulo: Fontanar, 2010.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. Psicologia Social. 27. ed. ver. ampl. Petrópolis: Vozes, 2009.

FANTE, Cléo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005

ABSTRACT

The recent school tragedy that occurred in the country now in October 2017, the case of the adolescent from Goiana - GO, who suffered from the bullying took the parents' mistress and killed two classmates and seriously injured five more, including leaving a colleague paraplegic, again drew the country's attention to this problem, which is increasingly present in Brazilian schools, whether public or private. The present work titled an analysis of the opinion of teachers and employees about the practice of bullying, aim to analyze the level of knowledge of teachers and employees on how to identify cases and socio-educational measures that have become law and should serve as a basis to solve the problems, both of the victim and of the aggressor. For the accomplishment of this work, a field work was carried out in addition to the bibliographical research, to apply the questionnaires to the teachers and employees of the research institution. The results of the data collected showed that both teachers and employees are aware of the damage caused by bullying, most of them know that it needs to be tackled with socio-educational measures, they do not know

the new law, but when exposed to it, agree with the proposed measures and believe in their effectiveness. Teachers and officials surveyed believe that socio-educational measures can solve the issues, but recognize that it is not an easy task to carry out, they expect that the solution always comes from the school administrators, they also put the blame on the family and some employees put the blame on the teachers. Although it is not very common to practice bullying at school, they are children in early childhood and elementary education - in the initial grades, but they do exist and need to be remedied to prevent them from proliferating.

Keywords: Socio-educational measures. Punitive measures. Bullying. Educational system.